

Tradução do russo de CN, 07.03.2010 (edição provisória)

História do partido Comunista da URSS (bolchevique)

Breve curso

Sob redacção da comissão do CC do PCU(b)

Aprovado pelo CC do PCU(b)

1938

Capítulo X

O partido bolchevique na luta pela industrialização socialista do país (1926-1929)

1. As dificuldades do período da industrialização socialista e a luta pela sua superação. A formação do bloco antipartido trotskista-zinovievista. A acção anti-soviética do bloco. A derrota do bloco.

Após o XIV Congresso, o partido empenhou-se na luta pela aplicação da orientação geral do Poder Soviético rumo à *industrialização socialista* do país.

No período do restabelecimento da economia, o objectivo, antes de mais, era reanimar a agricultura, obter matérias-primas e alimentos e recuperar e pôr a funcionar a indústria, as fábricas e as empresas existentes.

Este objectivo foi alcançado com relativa facilidade pelo Poder Soviético.

Contudo, o período de restabelecimento da economia revelou três grandes insuficiências.

Em primeiro lugar tinham sido recuperadas velhas fábricas e empresas, com equipamentos antiquados que poderiam em breve ficar inutilizados. A tarefa consistia em reequipar estas unidades com maquinaria moderna.

Em segundo lugar, a base industrial era demasiado estreita, era preciso construir dezenas, centenas de fábricas de metalomecânica absolutamente necessárias ao país, sem as quais não poderia existir uma verdadeira indústria. A tarefa consistia em criar estas fábricas e de equipá-las com tecnologia moderna.

Em terceiro lugar, no período de restabelecimento foi recuperada e desenvolvida sobretudo a indústria ligeira. Porém, já sem falar das outras necessidades que só poderiam ser satisfeitas com uma indústria pesada desenvolvida, o próprio desenvolvimento subsequente da indústria ligeira ficou condicionado pela debilidade da indústria pesada. A tarefa consistia agora em efectuar uma viragem para a indústria pesada.

Todas estas novas tarefas teriam de ser resolvidas pela política da industrialização socialista.

Era necessário construir de *raiz* toda uma série de ramos industriais inexistentes na Rússia tsarista: erguer novas fábricas de metalomecânica, de máquinas-ferramentas, de automóveis, de produtos químicos, de metalurgia, desenvolver a produção própria de motores e equipamentos para as centrais eléctricas, aumentar a extracção de metais e de carvão – pois assim o exigia a causa da vitória do socialismo na URSS.

Era necessário criar uma nova indústria militar, construir novas fábricas de artilharia, de munições, de aeronáutica, de tanques e de metralhadoras – pois assim o exigiam os interesses da defesa da URSS numa situação de cerco capitalista.

Era necessário construir fábricas de tratores e de maquinaria agrícola moderna para prover a agricultura e permitir que milhões de pequenos camponeses individuais passassem para a grande produção kolkhoziana – pois assim o exigiam os interesses da vitória do socialismo no campo.

Tudo isto tinha de ser resolvido pela política da industrialização, pois consistia nisto a industrialização socialista do país.

Naturalmente que todas estas grandes obras de construção implicavam investimentos de milhares de milhões. Era impossível contar com empréstimos estrangeiros, já que os países capitalistas não os concediam. Seria preciso construir com recursos próprios, sem a ajuda externa. Mas o país era ainda pobre.

Esta era agora uma das principais dificuldades.

Normalmente, os países capitalistas criaram a sua indústria pesada à custa do fluxo externo de recursos: à custa do saque das colónias, das indemnizações impostas aos povos vencidos e de empréstimos estrangeiros. Por princípio, o País dos Sovietes não podia recorrer a fontes imundas de recursos para realizar a sua industrialização como o saque de povos colonizados ou vencidos. E como não podia obter empréstimos estrangeiros porque os países capitalistas não lho concediam era preciso encontrar meios no *interior* do país.

E esses recursos seriam encontrados. A URSS dispunha de fontes de acumulação desconhecidas de qualquer estado capitalista. O Estado Soviético tinha à sua disposição todas as fábricas e empresas, todas as terras confiscadas aos capitalistas e latifundiários pela Revolução Socialista de Outubro, os transportes, os bancos, o comércio externo e interno. Os lucros obtidos pelas fábricas e empresas do Estado, pelos transportes, pelo comércio, pelos bancos já não eram consumidos pela classe parasitária dos capitalistas, mas tinham passado a ser investidos no desenvolvimento contínuo da indústria.

O Poder Soviético tinha anulado as dívidas tsaristas, que só em juros custavam por ano ao povo centenas de milhões de rublos em ouro. Ao abolir a propriedade senhorial, o Poder Soviético libertou o campesinato do pagamento anual de rendas aos latifundiários no valor de cerca de 500 milhões de rublos em ouro. Libertados deste encargo, os camponeses podiam ajudar o Estado a construir uma nova indústria poderosa, sendo do seu interesse vital dispor de tratores e de maquinaria agrícola.

Todas estas fontes de rendimento podiam proporcionar centenas de milhões e milhares de milhões de rublos para a construção de uma indústria pesada. Era preciso apenas adoptar uma gestão responsável, introduzir um controlo rigorosíssimo das despesas, racionalizar a produção, reduzir os preços de custo, eliminar gastos improdutos, etc.

O Poder Soviético agiu precisamente desta forma.

Graças ao regime de economias, todos os anos se acumulavam recursos cada vez mais importantes para as grandes obras de construção. Tornou-se possível lançar obras tão gigantescas como a central hidroeléctrica do Dniepre, o caminho-de-ferro entre Turquistão e a Sibéria, a fábrica de tratores de Stalingrado, fábricas de máquinas-ferramentas, a fábrica de automóveis *AMO* (hoje *ZIS*),¹ etc.

Se em 1926-1927 tinham sido investidos na indústria cerca de mil milhões de rublos, três anos mais tarde foi possível investir já cinco mil milhões de rublos.

A industrialização avançava.

Os países capitalistas viam o fortalecimento da economia socialista da URSS como uma ameaça à existência do sistema capitalista. Por isso os governos imperialistas tomaram todas as medidas

¹ A fábrica *AMO* (iniciais em russo de *Avtomobilnoe Moskovskoe Obchetsvo*, Sociedade Automóvel de Moscovo) foi originalmente fundada em 1916 por um grupo de comerciantes ricos russos que pretendiam montar camiões da marca *FIAT*. Todavia, a construção sofre vários atrasos, ficando concluída já depois da Revolução de Outubro. Nacionalizada em 1918, só ficou completamente operacional em 1924, altura em que começa a produzir camiões soviéticos *AMO-F15*. Em 1931 é designada *ZIS* (Fábrica Estatal de Automóveis I.V. Stáline) e em 1956 *ZIL* (I.A. Likhatchov), nome que mantém até 1992, quando é transformada em sociedade capitalista, adoptando a sigla *AMO-ZIL*. (*N. do T.*)

imagináveis para exercer novas pressões sobre a URSS, introduzir perturbação, fazer malograr ou pelo menos travar a industrialização do país.

Em Maio de 1927, os conservadores ingleses (*diehards*),² que estavam no governo, organizaram um ataque provocatório contra a Sociedade Soviética para o Comércio com a Inglaterra (*Arkos*). Em 26 de Maio desse ano, o governo conservador inglês anunciou o rompimento das relações diplomáticas e comerciais com a URSS.

Em 7 de Julho de 1927, um guarda branco russo, naturalizado polaco, assassinou em Varsóvia o camarada Voïkov,³ embaixador da URSS.

Ao mesmo tempo, em território da URSS, espões e diversionistas ingleses realizam um atentado bombista contra o clube do partido em Leningrado, ferindo 30 pessoas, várias delas com gravidade.

No Verão de 1927, as representações diplomáticas e delegações comerciais da URSS sofrem ataques quase simultâneos em Berlim, Pequim, Xangai e Tientsine.

Isto criou dificuldades suplementares ao Poder Soviético.

Mas a URSS não cedeu às pressões e repeliu sem dificuldade os ataques provocatórios dos imperialistas e seus agentes.

Não foram menores as dificuldades criadas ao partido e ao Estado Soviético pelo trabalho subversivo dos trotskistas e demais opositoristas. Não sem razão, o camarada Stáline assinalou que se estava a formar «*uma espécie de frente única, de Chamberlain⁴ até Trótski*»⁵ contra o Poder Soviético. Apesar das decisões do XIV Congresso do partido e da lealdade proclamada pela oposição, os opositoristas não tinham deposto as armas. Bem pelo contrário, intensificavam ainda mais o seu trabalho subversivo e cisionista.

No Verão de 1926, os trotskistas e os zinovievistas unem-se num bloco antipartido, reúnem em seu torno os restos de todos os grupos opositoristas derrotados e lançam as fundações de um partido antileninista clandestino, infringindo assim grosseiramente os estatutos do partido e as resoluções dos congressos contrárias à criação de fracções. O Comité Central do partido adverte que se este bloco antipartido, criado à imagem do conhecido Bloco de Agosto menchevique, não fosse dissolvido, o caso poderia terminar mal para os seus partidários. Todavia, os membros do bloco não se detiveram.

No Outono do mesmo ano, em vésperas da XV Conferência do partido, os opositoristas fizeram uma nova investida nas assembleias do partido nas fábricas de Moscovo, de Leningrado e de outras cidades, procurando desencadear uma nova discussão. Colocaram a debate a sua plataforma, que era uma cópia da habitual plataforma antileninista trotskista-menchevique. Os membros do partido deram uma rude resposta aos opositoristas, nalguns locais expulsaram-nos simplesmente das reuniões.

² *Diehards* (os duros) era a designação dada à ala mais reaccionária do partido conservador britânico, defensora de uma política de hostilidade em relação à União Soviética. (*N. do T.*)

³ Piotr Lázarevitch Voïkov (1888-1927), membro do POSDR (menchevique) desde 1903, emigra em 1907, regressando à Rússia em Agosto de 1917 no comboio de Lénine. Adere então ao partido bolchevique, tornando-se membro do Soviete de Ekaterinburg e secretário da organização dos Urais (1917), comissário do Abastecimento nos Urais (1918), membro do colégio do Comissariado do Comércio Externo (1920) e embaixador na Polónia a partir de 1924. É assassinado a tiro em 1927 por B.C. Koverda, emigrante russo naturalizado polaco. (*N. do T.*)

⁴ Joseph Austen Chamberlain (1863-1937), não confundir com Arthur Neville Chamberlain (1869-1940), o primeiro-ministro britânico (1937-40) que assinou o acordo de Munique com Hitler. J.A. Chamberlain foi eleito para o parlamento em 1892, entrando para o governo em 1902 como vice-ministro das Finanças. Ocupou várias pastas até ser nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros (1924-29). Defensor da remilitarização da Alemanha, que desejava dirigir contra a URSS e utilizar como contrapeso à França, promoveu os Tratados de Locarno (1925), que permitiam a expansão germânica para Leste. Mais tarde provocou a ruptura das relações diplomáticas com a URSS (1927), restabelecidas em 1929 após a vitória dos trabalhistas. (*N. do T.*)

⁵ «A revolução na China e as tarefas do *Komintern*, discurso na X Sessão do VIII Plenário do CEIC», 24 de Maio de 1927, I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit., Moscovo, 1948, Tomo 9, pág. 312. (*N. do T.*)

O Comité Central advertiu novamente os apoiantes do bloco de que o partido não podia tolerar mais o seu trabalho subversivo.

Os opositoristas decidem então entregar ao Comité Central uma declaração assinada por Trótski, Zinóviev, Kámenev e Sokólnikov, na qual condenam o seu trabalho cisionista e prometem ser leais daí em diante. Não obstante, o bloco continua a existir de facto, e os seus membros prosseguem o trabalho clandestino antipartido. Continuam a organizar o seu partido antileninista, criam uma tipografia clandestina, instituem quotizações para os seus membros, difundem a sua plataforma.

Em face de tal conduta, a XV Conferência do partido (Novembro de 1926) e o plenário alargado do Comité Executivo da Internacional Comunista (Dezembro de 1926) discutem a questão do bloco trotskista-zinovievista. Nas resoluções aprovadas qualificaram os membros do bloco como divisionistas, assinalando que na sua plataforma tinham resvalado para posições mencheviques.

Mas isto não teve qualquer utilidade para os partidários do bloco. Em 1927, no momento em que os conservadores ingleses romperam as relações diplomáticas e comerciais com a URSS, os opositoristas intensificaram de novo os seus ataques contra o partido. Cozinharam uma nova plataforma antileninista, a chamada «plataforma dos 83», e começaram a divulgá-la, exigindo que o Comité Central abrisse uma nova discussão geral no partido.

De todas as plataformas da oposição, esta era seguramente a mais fingida e farisaica.

Em palavras, isto é, na sua plataforma, os trotskistas e zinovievistas não punham em causa o cumprimento das decisões do partido e defendiam a lealdade, mas na prática violavam da forma mais grosseira as decisões partidárias, escarnecendo de qualquer lealdade para com o partido e o seu Comité Central.

Em palavras, isto é, na sua plataforma, não punham em causa a unidade do partido, e diziam-se contrários à cisão, mas na prática minavam da forma mais grosseira a unidade do partido, seguiam uma linha cisionista e já dispunham do seu próprio partido clandestino antileninista, que tinha todos os requisitos para se transformar num partido anti-soviético, contra-revolucionário.

Em palavras, isto é, na sua plataforma, eram favoráveis à política de industrialização, e até acusavam o CC de não a conduzir com suficiente rapidez, mas na prática vituperavam a resolução do partido sobre a vitória do socialismo na URSS, escarneciam da política da industrialização socialista, exigiam a concessão de uma série de fábricas e empresas a estrangeiros e depositavam as suas principais esperanças nas concessões capitalistas estrangeiras na URSS.

Em palavras, isto é, na sua plataforma, eram favoráveis ao movimento kolkhoziano, e até acusavam o CC de não o conduzir com suficiente rapidez, mas na prática escarneciam da política de incorporação dos camponeses na edificação socialista, pregavam a inevitabilidade de «conflitos insolúveis» entre a classe operária e o campesinato e depositavam as suas esperanças nos «rendeiros educados» do campo, isto é, nas explorações dos kulques.

Esta era a mais hipócrita de todas as plataformas hipócritas da oposição.

O seu fito era enganar o partido.

O CC recusou a abertura imediata da discussão, lembrando aos opositoristas que, de acordo com os Estatutos do partido, um tal debate só poderia ser iniciado dois meses antes do congresso.

Em Outubro de 1927, ou seja, dois meses antes do XV Congresso do partido, o Comité Central declarou aberta a discussão geral. Iniciaram-se as reuniões de debate. Os resultados da discussão revelaram-se mais do que deploráveis para o bloco trotskista-zinovievista. A favor da política do Comité Central votaram 724 mil membros e apenas quatro mil a favor do bloco trotskista – zinovievista, isto é, menos de um por cento. O bloco antipartido foi derrotado em toda a linha. O partido, na sua esmagadora maioria, repudiou a plataforma do bloco.

Esta foi a vontade claramente expressa pelo partido, cuja opinião fora solicitada pelos próprios partidários do bloco.

Contudo, também esta lição não aproveitou aos partidários do bloco. Em vez de se subordinarem à vontade do partido, decidiram subvertê-la. Ainda antes de a discussão estar terminada, vendo como inevitável o seu vergonhoso fiasco, decidiram recorrer a formas mais

agudas de luta contra o partido e o governo soviético. Organizaram manifestações públicas de protesto em Moscovo e em Leningrado, escolhendo como data o 7 de Novembro, aniversário da Revolução de Outubro, quando os trabalhadores da URSS realizam desfiles revolucionários em todo o país. Os trotskistas e os zinovievistas tencionavam assim levar a cabo uma manifestação paralela. Mas, como seria de esperar, os partidários do bloco não conseguiram juntar mais do que um punhado patético dos seus escassos apoiantes. A manifestação popular destroçou-os, arredando-os juntamente com os cabecilhas.

Agora já não havia dúvidas de que os trotskistas e os zinovievistas tinham resvalado para o pântano do anti-sovietismo. Se na discussão geral apelaram ao partido contra o Comité Central, agora, com esta manifestação patética, apelavam às classes inimigas contra o partido e contra o Estado Soviético. Ao colocarem o objectivo da subversão do partido bolchevique, tinham inevitavelmente de enveredar pela via da subversão do Estado Soviético, uma vez que o partido dos bolcheviques e o Estado são indissociáveis no País dos Sovietes. Desta forma, os cabecilhas do bloco trotskista-zinovievista puseram-se a si próprios fora do partido, uma vez que era impossível continuar a tolerar nas fileiras do partido bolchevique pessoas que tinham resvalado para o pântano do anti-sovietismo.

A 14 de Novembro de 1927, numa reunião conjunta do Comité Central e da Comissão Central de Controlo, Trótski e Zinóviev foram expulsos do partido.

2. Os êxitos da industrialização socialista. O atraso da agricultura. O XV Congresso do partido. A linha da colectivização da agricultura. O esmagamento do bloco trotskista-zinovievista. A duplicidade política.

Os primeiros êxitos decisivos da política de industrialização socialista registaram-se logo em finais de 1927. Nas condições da *NEP*, a industrialização tinha realizado num curto prazo importantes progressos. No seu conjunto, a produção global da indústria e da agricultura (incluindo a exploração florestal e as pescas) não só alcançara o nível de antes da guerra como o havia ultrapassado. O peso da indústria na economia nacional aumentara para 42 por cento, atingindo o nível correspondente anterior à guerra.

Na indústria, o sector socialista crescia rapidamente relativamente ao sector privado, elevando o seu peso de 81 por cento em 1924-1925 para 86 por cento em 1926-1927, ao mesmo tempo, o peso do sector privado caía de 19 para 14 por cento.

Isto significava que a industrialização na URSS tinha um carácter socialista fortemente vincado, que a indústria da URSS se desenvolvia pela via da vitória do sistema de produção socialista, que no domínio da indústria a questão de «quem vencerá?» estava já resolvida a favor do socialismo.

A substituição dos privados no comércio decorria igualmente com grande rapidez. A sua parte na actividade de retalho baixou de 42 por cento em 1924-1925 para 32 por cento em 1926-1927, sem falar do comércio grossista, onde a parte privada caiu no mesmo período de nove para cinco por cento.

Num ritmo ainda mais rápido crescia a *grande* indústria socialista, cuja produção, logo em 1927, o primeiro ano depois do período de restabelecimento, registou um crescimento de 18 por cento relativamente ao ano anterior. Tratava-se de um crescimento recorde fora do alcance da grande indústria dos países capitalistas mais avançados.

O quadro era diferente na agricultura, sobretudo na cultura de cereais. Apesar de no seu conjunto a produção agrícola ter superado o nível anterior à guerra, a produção de cereais representava apenas 91 por cento em relação àquele período, enquanto que a parte mercantil da produção que era vendida para o abastecimento das cidades representava quanto muito 37 por cento do nível anterior à guerra, sendo que todos os indicadores confirmavam o perigo de futuras reduções da produção de trigo mercantil.

Isto significava que estava ainda em curso a fragmentação, iniciada em 1918, das grandes explorações mercantis em pequenas explorações e a divisão destas noutras ainda mais pequenas, que as pequenas e minúsculas explorações camponesas se transformavam em economias de semi-subsistência, apenas capazes de fornecer uma quantidade mínima de trigo mercantil, que o cultivo de cereais em 1927, tendo alcançado uma produção apenas ligeiramente abaixo do período anterior à guerra, só podia proporcionar às cidades um pouco acima de um terço da quantidade de cereais comercializados antes da guerra.

Não havia dúvidas de que a manter-se esta situação no cultivo de cereais, o exército e as cidades da URSS enfrentariam fomes crónicas.

Estava-se perante uma crise de produção de cereais, que desencadearia necessariamente uma crise na produção pecuária.

Para sair dessa situação era necessário a passagem da agricultura para a grande produção, capaz de utilizar tractores e máquinas agrícolas e de aumentar várias vezes a produção mercantil de cereais. Perante o país colocavam-se duas possibilidades: ou passar à grande produção agrícola *capitalista*, o que equivalia à ruína das massas camponesas, ao rompimento da aliança da classe operária e do campesinato, ao reforço dos kulques e à derrota do socialismo no campo, ou enveredar pela via da associação das pequenas explorações camponesas em grandes explorações *socialistas*, em *kolkhozes*, capazes de utilizar tractores e outras máquinas agrícolas modernas para um rápido aumento do cultivo de cereais e da produção destinada ao abastecimento dos mercados.

Naturalmente que o partido bolchevique e o Estado Soviético só podiam enveredar pela segunda via, pela via *kolkhoziana* de desenvolvimento da agricultura.

A este respeito, o partido baseou-se nas seguintes indicações de Lénine sobre a necessidade de passar das pequenas explorações camponesas às grandes explorações agrícolas colectivas, aos artéis:

a) «*É impossível sair da pobreza através da pequena exploração*». ⁶

b) «*Se continuarmos confinados como antigamente às pequenas explorações, mesmo sendo cidadãos livres numa terra livre, estaremos apesar de tudo ameaçados de morte iminente*». ⁷

c) «*Caso as explorações camponesas possam continuar a desenvolver-se, será necessário igualmente assegurar consistentemente a sua posterior transição, e esta transição posterior consiste em que, inevitavelmente, as pequenas explorações camponesas isoladas, as menos rentáveis e as mais atrasadas, unindo-se progressivamente, organizem a grande exploração agrícola em comum*». ⁸

d) «*Só se conseguirmos mostrar na prática aos camponeses as vantagens do cultivo em comum, colectivo, em cooperativas e artéis, só se conseguirmos auxiliar o camponês com ajudas às cooperativas e artéis, a classe operária, que detém o poder de Estado, provará então realmente ao camponês que tem razão e atrairá para o seu lado de maneira sólida e efectiva a massa de milhões de camponeses*». ⁹

Tal era a situação nas vésperas do XV Congresso do partido.

O XV Congresso iniciou-se a 2 de Dezembro de 1927. Participaram 898 delegados com voto deliberativo e 771 com voto consultivo, representando 887 233 militantes e 348 957 candidatos.

Assinalando no seu relatório os êxitos da industrialização e o rápido desenvolvimento da indústria socialista, o camarada Stáline colocou ao partido a seguinte tarefa:

⁶ «Discurso na I Conferência sobre o Trabalho do Partido no Campo», 18 de Novembro de 1919, V.I. Lénine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1970, Tomo 39, pág. 314. (N. do T.)

⁷ «Discurso sobre a questão agrícola», no I Congresso de Deputados Camponeses, 22 Maio (4 de Junho) de 1917, V.I. Lénine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1969, Tomo 32, pág. 187. (N. do T.)

⁸ «Discurso sobre o imposto em espécie», na reunião de secretários e representantes responsáveis das células do PCR(b) da cidade de Moscovo e da Província de Moscovo, 9 de Abril de 1921, V.I. Lénine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1979, Tomo 43, pág. 148. (N. do T.)

⁹ «Discurso no I Congresso das Comunas Agrícolas e Artéis Agrícolas», 4 de Dezembro de 1919, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., Lisboa, 1979, Tomo III, pág. 220. (N. do T.)

«Ampliar e fortalecer as nossas posições socialistas dominantes em todos os ramos da economia nacional, tanto na cidade como no campo, rumo à liquidação dos elementos capitalistas na economia nacional.»¹⁰

Comparando a agricultura com a indústria e assinalando o atraso da primeira, sobretudo na produção de cereais, devido à fragmentação da agricultura que impedia a utilização de maquinaria moderna, o camarada Stáline sublinhou que o estado nada invejável da agricultura criava uma situação que punha em perigo toda a economia nacional.

«Qual é então a saída?» – interrogou-se o camarada Stáline. «A saída está na transformação das pequenas explorações camponesas dispersas em grandes explorações unificadas assentes no cultivo da terra em comum, na passagem para o cultivo colectivo da terra com base em novas técnicas avançadas. A saída está em unir progressiva mas constantemente, não por meio da coacção mas através da demonstração e da persuasão, as pequenas e minúsculas explorações camponesas em grandes explorações, na base do cultivo em comum, cooperativo e colectivo da terra, com a utilização de maquinaria agrícola, de tractores, e de métodos científicos de intensificação da agricultura. Não há outra saída.»¹¹

O XV Congresso adoptou a decisão sobre a necessidade de promover por todos os meios a colectivização da agricultura, traçou um plano para ampliar e consolidar a rede de *kolkhozes*¹² e de *sovkhozes*¹³ e deu instruções claras e precisas sobre os métodos de luta em prol da colectivização da agricultura.

Ao mesmo tempo, o congresso definiu a seguinte directiva:

«Prosseguir a ofensiva contra os kulaques e tomar uma série de novas medidas que limitem o desenvolvimento do capitalismo no campo e orientem as explorações camponesas em direcção ao socialismo.»¹⁴

Finalmente, constatando a necessidade de reforçar o princípio da planificação na economia nacional, e tendo em vista a organização metódica da ofensiva do socialismo contra os elementos capitalistas no conjunto da frente económica, o congresso definiu a directiva de incumbir os organismos competentes da elaboração do *primeiro plano quinquenal* da economia da URSS.

Terminado o exame das questões da edificação socialista, o XV Congresso do partido analisou a questão da liquidação do bloco trotskista-zinovievista.

O congresso assinalou que «a oposição rompeu ideologicamente com o leninismo, degenerou num grupo menchevique, enveredou pela via da capitulação face às forças da burguesia internacional e interna e transformou-se objectivamente num instrumento de terceiras forças contra o regime da ditadura proletária.»¹⁵

O congresso considerou que as divergências entre o partido e a oposição tinham-se transformado em divergências programáticas, e que a oposição trotskista enveredara pela via da luta anti-soviética. Por isso o XV Congresso declarou a filiação na oposição trotskista e a propaganda dos seus pontos de vista incompatíveis com a permanência nas fileiras do partido bolchevique.

¹⁰ «Relatório político do Comité Central ao XV Congresso do PCU(b)», 3 de Dezembro de 1927, I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit., Moscovo, 1949, Tomo 10, pág. 299. (N. do T.)

¹¹ Idem, *Ibidem*, págs. 305-306. (N. do T.)

¹² *Kolkhoz*, acrónimo russo de *kollektívnoe khoziáistvo*, exploração colectiva (em geral agrícola) na qual os meios de produção eram geridos colectivamente pelos seus membros, que repartiam igualmente entre si os resultados da produção. Na URSS existiam também *kolkhozes* de pesca. (N. do T.)

¹³ *Sovkhoz*, acrónimo russo de *soviétskoe khoziáistvo* (exploração soviética). Ao contrário dos *kolkhozes* estas explorações eram empresas do Estado, onde a remuneração do trabalho estava previamente estabelecida, não variando consoante os resultados da produção. (N. do T.)

¹⁴ *O PCUS nas suas Resoluções e Decisões dos Congressos, Conferências e Plenários do CC*, ed. cit., Moscovo, 1953, Tomo II, pág. 305. (N. do T.)

¹⁵ Idem, pág. 321. (N. do T.)

O congresso aprovou a resolução da reunião conjunta do Comité Central e da Comissão de Controlo sobre de expulsão do partido de Trótski e Zinóviev e decidiu expulsar todos os elementos activos do bloco trotskista-zinovievista, tais como Rádek, Preobrajénski, Rakóvski,¹⁶ Piatakov, Serebriakov, I. Smírnov,¹⁷ Kámenev, Sáfarov, Mdivani, Smílga¹⁸ e todo o grupo dos «centralistas democráticos» (Saprónov, V. Smírnov, Boguslávski, Drobnis e outros).

Derrotados ideologicamente e destroçados organizativamente os membros do bloco trotskista-zinovievista perderam os últimos vestígios da sua influência junto do povo. Algum tempo depois do XV Congresso, estes antileninistas expulsos do partido começaram a entregar declarações sobre a sua ruptura com o trotskismo, solicitando a sua readmissão. Naturalmente, naquela altura, o partido ainda não podia saber que Trótski, Rakóvski, Rádek, Krestínski¹⁹, Sokólnikov e outros eram há muito inimigos do povo e espiões recrutados por serviços estrangeiros; que Kámenev, Zinóviev, Piatakov e outros já tinham estabelecido ligações com inimigos da URSS nos países capitalistas com vista a uma «cooperação» contra o povo soviético. Mas a experiência ensinara ao partido que se podia esperar todo o tipo de indignidades destas pessoas, que nos momentos mais graves se levantaram repetidamente contra Lénine e contra o partido leninista. Por isso as suas declarações foram recebidas com desconfiança e, para comprovar a sinceridade dos autores, condicionou a sua reintegração como militantes ao cumprimento das seguintes exigências:

- a) Condenação pública do trotskismo como ideologia antibolchevique e anti-soviética.
- b) Reconhecimento público da política do partido como a única política justa.
- c) Submissão incondicional às resoluções do partido e dos seus órgãos.
- d) Passagem por um período de experiência durante o qual o partido verificaria a conduta dos expulsos, decidindo no final, caso a caso, a sua readmissão.

O partido considerou que o reconhecimento público destes pontos por parte dos expulsos teria em quaisquer circunstâncias um efeito positivo, uma vez que quebraria a unidade das fileiras trotskistas-zinovievistas, desmoralizá-las-ia e contribuiria para demonstrar uma vez mais a justeza e a força do partido. No caso de os autores das declarações demonstrarem a sua sinceridade recuperar-se-iam quadros, em caso contrário, seriam desmascarados à frente de todos, não como

¹⁶ Khristiáne Gregórievitch Rakóvski (1893-1941), nasceu na Bulgária, membro do partido desde 1917, do CC (1919-1927). Foi presidente do Soviete de Comissários do Povo da Ucrânia entre 1919 e 1923, embaixador da URSS na Inglaterra e em França entre 1923 e 1927. Em 1927 é expulso do partido por participação na «Oposição Trotskista» e reintegrado em 1935 após o exílio (1928-34). Preso em 1937, é constituído arguido no processo do «Bloco Trotskista de Direita Anti-Soviético». Tendo confessado a sua participação em diferentes conspirações, bem como a sua actividade de espião ao serviço da Inglaterra e do Japão, é sentenciado em 13 de Março de 1938 com 20 anos de prisão e, em Setembro de 1941, executado por agitação capitulacionista e organização de fugas da prisão, segundo deliberação do Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS. (*N. do T.*)

¹⁷ Ivan Nikítich Smírnov (1881-1936), membro do partido desde 1899, do CC desde 1920 (candidato desde 1919). Foi comissário dos Correios e Telégrafo (1923-1927), membro da oposição de esquerda desde 1923. É expulso do partido no XV Congresso (1927) e readmitido em 1929. Preso em 1933 por actividades anti-soviéticas, é julgado em 1936 no processo do «Centro Unificado Trotskista-Zinovievista Anti-Soviético» e condenado a fuzilamento. (*N. do T.*)

¹⁸ Ívar Teníssovitch Smílga (1892-1938), membro do partido desde 1907, integrou o comité de Kronstadt do POSDR(b). Após a revolução de Fevereiro presidiu ao Comité Regional do Exército e da Armada dos Operários da Finlândia e ao Comité Executivo dos Sovietes da Região Norte. Partidário de Trótski na discussão sobre os sindicatos (1920-21), é expulso em 1927 como membro da oposição e readmitido em 1930. Em Janeiro de 1935 é condenado a dez anos de prisão, mas é de novo julgado em 1938 e condenado a fuzilamento por actividades anti-soviéticas. (*N. do T.*)

¹⁹ Nikolai Nikoláevitch Krestínski (1883-1938), membro do partido desde 1903, do CC desde 1917 e do *Politburo* desde 1919. Ministro das Finanças da Rússia Soviética entre 1918 e 1920, foi um dos líderes dos «comunistas de esquerda». Em 1927 afasta-se de Trótski, mas apoia a «Nova Oposição». Entre 1930 e 1937 foi vice-ministro dos Negócios Estrangeiros. Preso em 1937, é o único dos 19 arguidos no processo do «Bloco Trotskista de Direita Anti-Soviético» que não se reconhece culpado. É executado em Março de 1938. (*N. do T.*)

pessoas que erraram, mas como carreiristas sem princípios, intrujões da classe operária e rematados dúplices.

A maioria dos expulsos aceitou as condições de readmissão e publicou na imprensa as respectivas declarações.

Compadecendo-se e não querendo negar-lhes a possibilidade de voltarem a ser homens do partido e da classe operária, o partido reintegrou-os como militantes.

Todavia, com o decorrer do tempo, constatou-se que as declarações dos «elementos activos» do bloco trotskista-zinovievista, com raras excepções, eram inteiramente falsas e fingidas.

Verificou-se que, ainda antes de terem feito as suas declarações, estes senhores já não representavam uma corrente política, pronta a defender perante o povo os seus pontos de vista, e se haviam transformado numa clique de carreiristas sem princípios, dispostos a espezinhar à vista de todos o que restava das suas próprias ideias, a aplaudir sem pudor concepções do partido que lhes eram alheias, a mudar de cor como o camaleão só para continuarem no partido, no seio da classe operária, para assim conservarem a possibilidade de prejudicar tanto a classe operária como o seu partido.

As «figuras activas» trotskistas-zinovievistas revelaram-se vigaristas políticos, dúplices políticos.

Os políticos de dupla face recorrem habitualmente à impostura e levam por diante os seus intentos sinistros enganando o povo, a classe operária e o seu partido. Mas não se deve pensar que se trata unicamente de impostores. Os políticos de dupla face são também uma clique de carreiristas sem convicções que há muito perderam a confiança do povo e que se esforçam por recuperar o prestígio por via do embuste, do camaleonismo, da falcaturia, utilizam qualquer meio só para manter o título de figuras políticas. Os políticos de dupla face são também uma clique de carreiristas sem princípios, capazes de se servir seja de quem for, mesmo de delinquentes, da escória da sociedade ou dos inimigos jurados do povo, para reaparecerem no «momento oportuno» na cena política e viverem à custa do povo como seus «governantes».

As «figuras activas» trotskistas-zinovievistas revelam-se precisamente dúplices políticos desta espécie.

3. A ofensiva contra os kulaques. O grupo antipartido de Bukhárine e Ríkov. A aprovação do primeiro plano quinquenal. A emulação socialista. O início do movimento kolkhoziano de massas.

A campanha do bloco trotskista-zinovievista contra a política do partido, contra a edificação do socialismo e contra a colectivização, tal como a dos bukharinistas, afirmando que os *kolkhozes* não resultariam em nada, que não se devia tocar nos kulaques uma vez que eles próprios «evoluiriam» para o socialismo, que o enriquecimento da burguesia não representava um perigo para o socialismo – todas estas ideias tinham uma grande repercussão entre os elementos capitalistas do país, sobretudo, entre os kulaques. Sabiam agora pela imprensa que não estavam sós, que tinham defensores e intercessores na pessoa de Trótski, Zinóviev, Kámenev, Bukhárine, Ríkov e outros. Era óbvio que esta circunstância só poderia contribuir para avivar a resistência dos kulaques contra a política do governo soviético. E efectivamente os kulaques começaram a opor uma resistência cada vez mais forte. Começaram a recusar-se em massa a vender ao Estado Soviético os excedentes de trigo que armazenavam em quantidades significativas. Começaram a praticar o terror contra os kolkhozianos e contra os quadros do partido e dos soviets no campo, começaram a incendiar os *kolkhozes* e os pontos de armazenamento do Estado.

O partido compreendeu que enquanto não fosse quebrada a resistência dos kulaques, enquanto não fossem derrotados em combate aberto à vista do campesinato, a classe operária e o Exército Vermelho continuariam a padecer de falta de trigo e o movimento kolkhoziano não poderia adquirir um carácter de massas.

Seguindo as directivas do XV Congresso, o partido lançou uma ofensiva decidida contra os kulaques, apoiando-se firmemente nos camponeses pobres e reforçando a aliança com os camponeses médios. Em resposta à recusa dos kulaques de vender ao Estado os excedentes de trigo ao preço fixado, o partido e o governo adoptaram uma série de medidas extraordinárias e aplicaram o artigo 107 do Código Penal, que previa nestes casos a confiscação judicial dos excedentes de trigo aos kulaques e especuladores. Criaram igualmente uma série de benefícios para os camponeses pobres, conferindo-lhes o direito a 25 por cento do trigo confiscado aos kulaques.

Estas medidas extraordinárias produziram os seus efeitos: os camponeses pobres e médios juntaram-se à luta decidida contra os kulaques, isolando-os e quebrando a sua resistência. Em finais de 1928, o Estado Soviético já dispunha de reservas suficientes de trigo e o movimento kolkhoziano seguiu em frente num passo mais firme.

Neste mesmo ano foi descoberta uma importante organização de especialistas burgueses que se dedicavam à sabotagem na região de Chakhti, no Donbass. Os sabotadores de Chakhti estavam estreitamente ligados aos antigos proprietários das empresas – capitalistas russos e estrangeiros – e à espionagem militar estrangeira. O seu objectivo era travar o desenvolvimento da indústria socialista e facilitar a restauração do capitalismo na URSS. Faziam uma exploração incorrecta das minas para diminuir a extracção de carvão, danificavam as máquinas e a ventilação, organizavam desmoronamentos, explosões e incêndios de minas, fábricas e centrais eléctricas, impediam deliberadamente a melhoria da situação material dos operários e infringiam as leis soviéticas sobre a protecção no trabalho.

Os sabotadores foram julgados e devidamente sentenciados pelo tribunal.

O Comité Central convidou todas as organizações do partido a retirar as devidas lições do caso de Chakhti. O camarada Stáline indicou que os bolcheviques com funções de gestão económica deviam tornar-se, eles próprios, peritos em técnicas de produção para que de futuro não pudessem ser enganados por antigos especialistas burgueses sabotadores. E sublinhou a necessidade de acelerar a formação de novos quadros técnicos de origem operária.

Por decisão do Comité Central foi melhorada a formação de jovens especialistas nas escolas técnicas superiores. Milhares de membros do partido e do *Komsomol*, bem como pessoas sem partido dedicadas à causa da classe operária foram chamados a frequentar cursos.

Antes de o partido passar à ofensiva contra os kulaques e enquanto concentrava esforços na liquidação do bloco trotskista-zinovievista, o grupo de Bukhárine-Ríkov agia mais ou menos discretamente, mantendo-se como reserva das forças antipartido. Não só não se atrevia a apoiar abertamente os trotskistas como por vezes até intervinha contra eles ao lado do partido. Mas assim que se passou à ofensiva e se adoptaram medidas extraordinárias contra os kulaques, o grupo Bukhárine-Ríkov tirou a máscara e começou a manifestar-se publicamente contra a política do partido. A alma kulaque do grupo Bukhárine-Ríkov não se conteve, os seus partidários saíram publicamente em defesa dos kulaques. Exigiram a revogação das medidas extraordinárias e assustavam os simplórios afirmando que, em caso contrário, ocorreria uma «degradação» da agricultura, que de resto já tinha começado. Ignorando o crescimento dos *kolkhozes* e dos *sovkhozes*, formas superiores da agricultura, e vendo apenas o declínio das explorações kulaques, confundiam a degradação das explorações kulaques com a degradação da agricultura. Procurando fundamentar teoricamente as suas posições, cozinham a teoria ridícula da «*extinção da luta de classes*» segundo a qual afirmavam que quanto mais êxitos o socialismo alcançasse na sua luta contra os elementos capitalistas, tanto mais se atenuaria a luta de classes, que esta se extinguiria em breve e que o inimigo de classe entregaria todas as suas posições sem resistência, sendo portanto inútil desencadear uma ofensiva contra os kulaques.

Desta forma recuperavam a sua estafada teoria burguesa sobre a incorporação pacífica dos kulaques no socialismo e espezinhavam a conhecida tese leninista segundo a qual a resistência do

inimigo de classe adquirirá formas tanto mais agudas quanto mais sentir o terreno fugir-lhe debaixo dos pés, quantos mais êxitos o socialismo alcançar, e que a luta de classes só poderá «extinguir-se» depois da eliminação do inimigo de classe.²⁰

O partido percebeu sem dificuldade que o grupo Bukhárine-Ríkov era um grupo oportunista de direita, que apenas na forma se distinguia do bloco trotskista-zinovievista pelo simples facto de os trotskistas e zinovievistas terem podido de alguma maneira disfarçar a sua essência capitulacionista com retumbantes frases revolucionárias de esquerda sobre a «revolução permanente», enquanto o grupo Bukhárine-Ríkov, que se manifestou contra o partido por motivo da passagem à ofensiva contra os kulaques, já não tinha possibilidade de camuflar o seu rosto capitulacionista e era obrigado a defender as forças reaccionárias do país, os kulaques em primeiro lugar, de forma aberta, sem adornos nem disfarces.

O partido compreendeu que mais tarde ou mais cedo o grupo de Bukhárine-Ríkov acabaria por estender a mão aos restos do bloco trotskista-zinovievista para a luta conjunta contra o partido.

Em simultâneo com as suas intervenções políticas, o grupo de Bukhárine-Ríkov desenvolvia um «trabalho» de organização e recrutamento. Por intermédio de Bukhárine arregimentou a juventude burguesa, com indivíduos do género de Slepko,²¹ Mariétski,²² Aikhenvald,²³ Goldenberg²⁴ e outros; por intermédio de Tómski, dirigentes burocratizados dos sindicatos (Melnitchanski,²⁵ Dogadov,²⁶ etc.), por intermédio de Ríkov, um punhado de dirigentes degenerados dos soviets (A.

²⁰ A este propósito Lénine afirmou designadamente: «A supressão das classes é resultado de uma luta de classes longa, difícil e obstinada, que não desaparece (como imaginam os representantes vulgares do velho socialismo e da velha social-democracia) depois do derrubamento do poder do capital, depois da destruição do Estado burguês, depois da implantação da ditadura do proletariado, mas apenas muda de forma tornando-se em muitos aspectos ainda mais encarniçada.» «Saudação aos operários húngaros», *Pravda*, n.º 115, 29 de Maio de 1919, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., Lisboa, Tomo III, pág. 136. (*N. do T.*)

²¹ Aleksandr Nikoláievitch Slepko (1899-1937), membro do partido desde 1919, jornalista do *Pravda* (1924-28) e responsável pelo departamento de propaganda do Comité Executivo do *Komintern*. Em 1925 torna-se redactor principal do jornal *Komsomólkaia Pravda*, intervindo contra a linha da direcção do partido. É expulso do partido em 1930 e reintegrado em 1931. Volta a ser expulso no ano seguinte e alguns meses depois readmitido. Em Outubro de 1932 é definitivamente expulso, julgado e condenado a três anos de exílio na Sibéria Ocidental. Em 1933 é preso juntamente com o M.N. Riútime e julgado no processo do «Grupo Antipartido de Slepko e outros». Em 1937 é sentenciado com a pena de morte por actividades terroristas anti-soviéticas. (*N. do T.*)

²² Não encontramos referências biográficas relativas a Mariétski. Nas declarações feitas em 2 de Junho de 1937 no âmbito da instrução do seu processo, N.I. Bukhárine refere D. Mariétski e G. Mariétski, ambos como membros do seu grupo contra-revolucionário. (*N. do T.*)

²³ Aleksandr Iúlevitch Aikhenvald (Eikhenvald) (1899-1941), economista, membro do partido após a Revolução de Outubro, era próximo de Trótski e de Bukhárine. As escassas referências biográficas não indicam a data ou datas da sua detenção e julgamento. Terá sido executado em 1941, já depois da invasão nazi, juntamente com outros reclusos na prisão de Orlov. (*N. do T.*)

²⁴ Não encontramos referências biográficas relativas a Goldenberg. Nas declarações feitas em 2 de Junho de 1937 no âmbito da instrução do seu processo, N. I. Bukhárine cita um E. Goldenberg como membro do seu grupo contra-revolucionário (*N. do T.*)

²⁵ Grigóri Natánovitch Melnitchanski (1886-1937), membro do partido desde 1902, candidato do CC (1926-1929). Emigrou para os EUA em 1910, regressando à Rússia juntamente com Trótski em meados de 1917. Desenvolve actividade nos sindicatos, tornando-se em 1921 membro do *Presidium* do Conselho Central das Uniões Sindicais. Integra o *Presidium* do Conselho Superior da Economia Nacional (1929-31), o *Gosplan* da URSS (1931-34) e o comité das invenções adjunto ao Conselho do Trabalho e da Defesa (1934-36). É preso em 1937, julgado e condenado a fuzilamento por actividades anti-soviéticas. (*N. do T.*)

²⁶ Aleksandr Ivánovitch Dogádov (1888-1937), membro do partido desde 1905, do CC entre 1924 e 1930 (candidato 1930-34). Membro do *presidium* do Conselho de Sindicatos desde 1921, torna-se seu primeiro secretário em 1929. É designado vice-presidente do Conselho Superior da Economia (1930) e comissário da Inspecção Operária e Camponesa da República da Transcaucásia (1931-1934). Em 1937 é expulso do partido, julgado e condenado a fuzilamento por actividades anti-soviéticas. (*N. do T.*)

Smírnov,²⁷ Eismont,²⁸ V. Chmidt,²⁹ etc.). Pessoas politicamente desmoralizadas, que não escondiam a sua inclinação capitulacionista, juntaram-se voluntariamente a este grupo.

Nesta altura Bukhárine e Ríkov receberam o apoio da cúpula dirigente da organização do partido em Moscovo (Uglanov,³⁰ Kótov,³¹ Ukhánov,³² Riútine,³³ Iágoda,³⁴ Polonski³⁵ e outros).

²⁷ Aleksandr Petróvitch Smírnov (1878-1938), membro do partido desde 1896, do CC entre 1922 e 1933 (candidato 1907-1917). Vice-comissário dos Assuntos Internos (1918), vice-comissário da Alimentação (1919), vice e depois comissário da Agricultura (1923-28), vice-presidente do Conselho de Comissários da RSFSR (1928-30). Integra o *Presidium* do Conselho Superior da Economia da URSS em 1930. É excluído do CC em 1933 e do partido no ano seguinte. Em 1937 é preso, sendo julgado e condenado no ano seguinte a fuzilamento por actividades anti-soviéticas. (*N. do T.*)

²⁸ Nikolai Boríssovitch Eismont (1891-1935), membro do POSDR desde 1907 e dos inter-regionais entre 1911 e 1917. Em 1919 é chefe dos abastecimentos do Exército Vermelho, membro do Conselho Superior da Economia da RSFSR (1920-26), comissário do Comércio da URSS (1925) e em simultâneo vice-comissário do Comércio Interno e Externo da URSS. É preso em 1932, expulso do partido no ano seguinte, julgado e condenado a três anos de prisão por actividades anti-soviéticas. Libertado em 1935 vem a falecer num acidente de viação. (*N. do T.*)

²⁹ Vassíli Vladímirovitch Chmidt (1886-1938), membro do partido desde 1905, do CC (1918-19 e 1925-30), candidato do CC (1919-20, 1921-23 e 1924-34). Presidente do Comité do Partido de Petrogrado (1917), comissário do Trabalho (1918-28), vice-comissário da Agricultura (1930), é enviado em 1933 para o Extremo Oriente com funções de administração económica. Em 5 de Janeiro de 1937 é preso, acusado de liderar uma organização anti-soviética de direita. Sentenciado inicialmente com dez anos de prisão, é condenado em 1938 a fuzilamento pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS. (*N. do T.*)

³⁰ Nikolai Aleksándrovitch Uglánov (1886-1937), membro do partido desde 1907, do CC entre 1923 e 1930, candidato (1921-22), candidato do *Politburo* (1926-29), comissário do Povo do Trabalho entre 1928 e 1930. Expulso do partido em 1932, é readmitido em 1934. Em 1937 é julgado e condenado a fuzilamento no âmbito do processo da «conspiração militar». (*N. do T.*)

³¹ Vassíli Afanássievitch Kótov (1895-1937), membro do partido desde 1915, do CC entre 1925 e 1930. Secretário do Comité de Moscovo do partido (1925-28), membro do Colégio do Comissariado do Trabalho (1929) e director de um conglomerado soviético de construção civil (1935). É preso em 1936 e julgado e condenado no ano seguinte a fuzilamento por actividades anti-soviéticas. (*N. do T.*)

³² Konstantine Vassílevitch Ukhánov (1891-1937), membro do partido desde 1907, do CC entre 1923 e 1937. A partir de 1917 torna-se membro do *Presidium* do Soviete de Moscovo. Director da fábrica *Dinamo* (1921-22), é eleito em 1926 presidente do Comité Executivo do Soviete de Moscovo e, em 1929, presidente do Soviete da Região de Moscovo. Vice-comissário do Abastecimento da URSS (1932-34), comissário da Indústria da RSFSR (1934-36) e comissário da Indústria Ligeira da RSFSR (1936-37). É excluído do CC e do partido em 1937, preso e condenado nesse ano a fuzilamento por actividades anti-soviéticas. (*N. do T.*)

³³ Martemiáne Nikítich Riútine (1890-1937), membro do partido desde 1914, candidato do CC entre 1927 e 1930. Comandante militar na Guerra Civil e dirigente partidário na Sibéria e Daguestão (desde 1920), secretário do comité distrital de Krasnoprenenski, em Moscovo (1925-28), integrou o *Presidium* do Conselho Superior da Economia Nacional (1930). Após ter apoiado a luta contra Trótski, aderiu à «Oposição de Direita» em 1928. Expulso do partido no Outono de 1930, é preso durante alguns meses. Em 1932, funda a «União dos Marxistas-Leninistas», cuja proclamação acusa Stáline de deturpar o leninismo e de ter usurpado o poder, propondo-se unir em torno de si todos os contra-revolucionários. Nesse ano é novamente detido e condenado a dez anos de prisão. Em 1937 é julgado por actividades terroristas contra-revolucionárias e condenado a fuzilamento. (*N. do T.*)

³⁴ Guénrikh Grigórievitch Iágoda (1891-1938), membro do partido desde 1907, do CC desde 1934 (candidato desde 1930), participou na insurreição armada em Petrogrado. Adjunto de Dzerjínski, em 1924, de Menjínski, em 1926, torna-se presidente da *OGPU* e comissário do Povo dos Assuntos Internos (*NKVD*) entre 1934 e 1936, sendo depois nomeado comissário das Comunicações (1936-37). Em 1938 é preso, julgado no âmbito do processo do «Bloco Trotskista de Direita» e condenado a fuzilamento em 1939. (*N. do T.*)

Não obstante, uma parte dos direitistas mantinha-se resguardada, abstendo-se de se manifestar publicamente contra a linha do partido. Na imprensa partidária de Moscovo e nas reuniões de militantes pregava-se a necessidade de fazer concessões aos kulaques, falava-se da inoportunidade de sobrecarregá-los de impostos, do fardo que a industrialização representava para o povo, da prematuridade da construção da indústria pesada. Uglánov interveio contra a construção da central hidroeléctrica do Dniepre, exigindo a transferência de recursos da indústria pesada para a indústria ligeira. Uglánov e outros capitulacionistas de direita garantiam que Moscovo era e continuaria a ser a cidade das fábricas de percal, que não se devia construir fábricas de metalomecânica.

A organização de Moscovo do partido desmascarou Uglánov e os seus seguidores, fez-lhes uma última advertência e uniu-se ainda mais em torno do Comité Central do partido. No Plenário do Comité de Moscovo do PCU(b), realizado em 1928, o camarada Stáline indicou a necessidade de lutar em duas frentes, concentrando o fogo contra o desvio de direita. Os direitistas, disse o camarada Stáline, representam agentes dos kulaques dentro partido.

«A vitória do desvio de direita no nosso partido libertaria as forças do capitalismo, minaria as posições revolucionárias do proletariado e elevaria as probabilidades de restauração do capitalismo no nosso país»,³⁶ afirmou o camarada Stáline.

No início de 1929 descobre-se que Bukhárine, em nome do grupo dos capitulacionistas de direita, tinha entrado em contacto com os trotskistas, através de Kámenev, procurando um acordo com eles com vista a uma luta conjunta contra o partido. O Comité Central denuncia esta actividade criminosa dos capitulacionistas de direita e adverte-os de que o caso podia ter um desfecho lamentável para Bukhárine, Ríkov, Tómski e outros. Mas eles não se resignam. Intervêm no Comité Central com uma nova plataforma-declaração antipartido, que é condenada pelo CC, sendo-lhe feita uma nova advertência e lembrado o destino do bloco trotskista-zinovievista. Apesar disso, o grupo Bukhárine-Ríkov prossegue o seu trabalho contra o partido. Ríkov, Tómski e Bukhárine comunicam ao Comité Central a sua demissão, pensando que com isto assustariam o partido. O CC condena esta política sabotadora de demissões. Por fim, o plenário do CC de Novembro de 1929 declara que a propaganda dos pontos de vista dos oportunistas de direita é incompatível com a permanência no partido e propõe a exclusão de Bukhárine do *Politburo*, como promotor e dirigente dos capitulacionistas de direita, e que fosse feita uma séria advertência a Ríkov, Tómski e a outros membros da oposição.

Vendo o caso malparado, os cabecilhas dos capitulacionistas de direita entregam uma declaração em que reconhecem os seus erros e a justeza da linha política do partido, decidindo deste modo recuar temporariamente para evitar que os seus quadros fossem esmagados.

Assim terminou a primeira etapa da luta do partido contra os capitulacionistas de direita.

As novas divergências no partido não passaram despercebidas aos inimigos externos da URSS. Supondo que as «novas divergências» constituíam um sinal de enfraquecimento do partido, fizeram uma nova tentativa para arrastar a URSS para a guerra e fazer malograr o processo ainda não consolidado de industrialização do país. No Verão de 1929, os imperialistas organizam o conflito da China contra a URSS, a ocupação do caminho-de-ferro do Leste da China (que pertencia à URSS) pelos militaristas chineses e a agressão das tropas brancas chinesas contra as fronteiras soviéticas no Extremo-Oriente. Porém, o ataque dos militaristas chineses foi rapidamente liquidado. Derrotados pelo Exército Vermelho, os militaristas retiraram-se e o conflito terminou com um acordo de paz com as autoridades da Manchúria.

³⁵ Vladímir Ivánovitch Polonski (1893-1937), membro do partido desde 1912, candidato do CC (1927-37), secretário da direcção do Sindicato dos Metalúrgicos de Moscovo (Março de 1917), comissário de Divisão nas frentes Oeste e Sul (1918-20), membro do *bureau* (1925) e secretário (1928) do Comité de Moscovo do partido, secretário do Conselho de Sindicatos da URSS (1930 e 1935-37), primeiro secretário do CC do PC do Azerbaijão (1930-31). É preso em 1937, julgado e condenado a fuzilamento por actividades anti-soviéticas. (*N. do T.*)

³⁶ «Sobre o perigo de direita no PCU(b): discurso no plenário do Comité de Moscovo do PCU(b), 19 de Outubro de 1928», I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit., Moscovo, 1949, Tomo 11, pág. 231. (*N. do T.*)

A política de paz da URSS triunfara uma vez mais, apesar de tudo e todos, apesar das maquinações dos inimigos externos e das «dissensões» internas no partido.

Em breve seriam restabelecidas as relações comerciais e diplomáticas entre a URSS e a Inglaterra, anteriormente rompidas pelos conservadores ingleses.

Repelindo com êxito os ataques dos inimigos externos e internos, o partido continuou em simultâneo um importante trabalho para alargar a construção da indústria pesada, organizar a emulação socialista, criar *sovkhoses* e *kolkhoses* e, finalmente, preparar as condições necessárias para a aprovação e aplicação do primeiro plano quinquenal da economia nacional soviética.

Em Abril de 1929 reuniu-se a XVI Conferência do partido. O primeiro plano quinquenal constituiu a questão principal dos trabalhos. A conferência rejeitou a variante «mínima» defendida pelos capitulacionistas de direita e aprovou a variante «otimizada» do plano quinquenal, como orientação obrigatória em quaisquer condições.

O partido aprovou, deste modo, o célebre primeiro plano quinquenal de construção do socialismo.

De acordo com o plano, o volume de investimentos em grandes obras na economia nacional no período de 1928 a 1933 ascendia a 64 mil milhões de rublos. Destes, 19 500 milhões seriam investidos na indústria, incluindo a electrificação, dez mil milhões nos transportes e 23 200 milhões na agricultura.

Era um grandioso plano para dotar a indústria e a agricultura da URSS de maquinaria moderna.

«*O objectivo fundamental do plano quinquenal*», assinalou o camarada Stáline, «*consistiu em criar no nosso país uma indústria com capacidade para reequipar e reorganizar na base do socialismo não só o conjunto da indústria mas também os transportes e a agricultura.*»³⁷

Apesar da sua grandiosidade, este plano nada teve de surpreendente e vertiginoso para os bolcheviques. A sua preparação decorrera em pleno curso da industrialização e da colectivização e suscitara um grande entusiasmo no trabalho dos operários e camponeses, que se traduziu na *emulação socialista*.

A XVI Conferência do partido aprovou um apelo a todos os trabalhadores para ampliarem este movimento.

A emulação socialista revelou exemplos admiráveis de trabalho e da nova atitude para com o trabalho. Em muitas empresas, nos *kolkhoses* e *sovkhoses*, os operários e *kolkhozianos* apresentaram *contraplanos*. Protagonizaram exemplos de heroísmo no trabalho. Não só cumpriam como ultrapassavam os planos traçados pelo partido e pelo governo. Mudava a forma como as pessoas encaravam o trabalho. De forçado e penoso como era no capitalismo, o trabalho começou a transformar-se «*numa questão de honra, de glória, de valentia e de heroísmo.*»³⁸

Uma edificação industrial gigantesca estava a decorrer por todo o país. As obras avançavam na central hidroeléctrica do Dniepre. Iniciou-se a construção das fábricas de Kramatorsk e de Gorlovka, no Donbass, e a reconstrução da fábrica de locomotivas de Lugansk. Foram abertas novas minas e criados novos altos-fornos. Nos Urais construía-se uma fábrica de metalomecânica e os conglomerados químicos de Beresniki e Solikamsk. Iniciou-se a construção da fábrica metalúrgica de Magnitogorsk. Empreendeu-se a construção de grandes fábricas de automóveis em Moscovo e Górkí. Decorria a construção de grandes fábricas de automóveis em Moscovo e em Górkí, das unidades gigantes de tractores, de ceifeiras-debulhadoras e de outra maquinaria agrícola em Rostov. Ampliava-se a Bacia do Kuznetsk, a segunda base carbonífera da União Soviética. Uma enorme fábrica de tractores foi erguida em 11 meses em plena estepe junto a Stalingrado. Na construção da central hidroeléctrica do Dniepre e da fábrica de tractores de Stalingrado, os operários estabeleceram novos recordes mundiais de produtividade do trabalho.

³⁷ «Resultados do Primeiro Plano Quinquenal, discurso no plenário conjunto do CC e da CCC do PCU(b)», 7 de Janeiro de 1933, I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit., Moscovo, 1951, Tomo 13, pág. 172. (*N. do T.*)

³⁸ «Relatório político do Comité Central ao XVI Congresso do PCU(b), 27 de Junho de 1930», I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit., Moscovo, 1949, Tomo 12, pág. 315. (*N. do T.*)

A história ainda não havia conhecido uma construção industrial com uma envergadura tão gigantesca, um tal entusiasmo e tanto heroísmo no trabalho de massas de milhões da classe operária.

Foi uma autêntica onda de entusiasmo no trabalho que se desenvolveu na base da emulação socialista.

Desta vez, os camponeses não ficaram atrás dos operários. O entusiasmo no trabalho verificava-se também no campo onde se construíam os *kolkhozes*. As massas camponesas optavam claramente pelos *kolkhozes*. Um grande papel foi aqui desempenhado pelos *sovkhoses* e pelas estações de máquinas e tractores (*MTS*),³⁹ equipadas com tractores e outra maquinaria agrícola. Multidões de camponeses visitavam os *sovkhoses* e as *MTS* para verem com grande admiração os tractores e as máquinas agrícolas a trabalhar. E logo ali decidiam aderir aos *kolkhozes*. Parcelados em pequenas e minúsculas explorações individuais, privados de instrumentos e de força de tracção minimamente satisfatórios, impossibilitados de laborar enormes extensões de terras virgens, sem perspectivas de melhoramento das explorações, atormentados pela pobreza e o isolamento, abandonados à sua própria sorte, os camponeses haviam encontrado finalmente a saída, o caminho para uma vida melhor na união das suas pequenas explorações em associações, em *kolkhozes*, na utilização de tractores capazes de laborar qualquer «terra dura», qualquer terra virgem, na ajuda do Estado com máquinas, dinheiro, pessoas, conselhos, na possibilidade de se libertarem do jugo dos kulaques, que recentemente o governo soviético tinha derrotado e submetido para alegria das massas de milhões do campesinato.

Foi nesta base que começou e mais tarde se desenvolveu o movimento de massas dos *kolkhozes*, o qual se intensificou particularmente nos finais de 1929, alcançando ritmos de crescimento inéditos até para a própria indústria socialista.

Em 1928, a superfície semeada dos *kolkhozes* representava um milhão e 390 mil hectares, no ano seguinte atingiu quatro milhões e 262 mil hectares e, em 1930, os *kolkhozes* já podiam planificar a lavoura de 15 milhões de hectares.

No seu artigo intitulado «O ano da grande viragem» (1929), referindo-se ao ritmo de crescimento dos *kolkhozes*, o camarada Stáline afirmou: «É preciso reconhecer que ritmos tão impetuosos de crescimento não têm precedentes mesmo na nossa indústria socialista, cujo crescimento se distingue em geral pelos seus elevados ritmos.»⁴⁰

Operava-se uma viragem no desenvolvimento do movimento kolkhoziano.

Começava o movimento kolkhoziano de massas.

«O que há de novo no actual movimento kolkhoziano?», interrogava-se o camarada Stáline no citado artigo. E respondia:

«Novo e decisivo no actual movimento kolkhoziano é o facto de aos *kolkhozes* aderirem não apenas grupos separados de camponeses como antes acontecia, mas aldeias inteiras, *vólost*, *raiónes*, e até *ókrug*.⁴¹ O que significa isto? Significa que os camponeses médios estão a ir para os *kolkhozes*. É esta a base em que assenta a viragem radical operada no desenvolvimento da agricultura e que constitui uma realização importantíssima do Poder Soviético.»⁴²

³⁹ Sigla em russo de *machino-tráktornaia stansia* (estação de máquinas e tractores). (N. do T.)

⁴⁰ «O ano da grande viragem, dedicado ao 12.º aniversário da revolução de Outubro», publicado no *Pravda*, n.º 259, de 7 de Novembro de 1929, I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit., Moscovo, 1949, Tomo 12, pág. 126. (N. do T.)

⁴¹ O *vólost* constituía a unidade administrativa inferior na Rússia e na URSS até 1930. Podia agrupar várias aldeias situadas num raio máximo de cerca de 12 quilómetros e com uma população masculina não superior a duas mil pessoas. O *raióne* (região ou distrito) vigorou como unidade administrativa entre 1923 e 1929, em substituição dos antigos *Uezd* (unidade inferior administrativa, judicial, e fiscal), e abarcava os *vólost*. O *ókrug*, utilizado sobretudo entre 1923 e 1930, constituía a unidade administrativa intermédia entre o *óblast* (região, província) e o *raióne*. A partir de 1930 os *ókrug* foram praticamente extintos passando os *raiónes* para a alçada directa dos *óblast*. (N. do T.)

⁴² «O ano da grande viragem», idem, ibidem, pág. 132. (N. do T.)

Isto significava que tinha amadurecido ou estava a amadurecer a questão da liquidação dos kulaques como classe, na base da colectivização integral.

Breves conclusões

Na luta pela industrialização socialista do país, o partido superou enormes dificuldades de ordem interna e externa entre 1926 e 1929. Os esforços do partido e da classe operária permitiram a vitória da política da industrialização socialista no País dos Sovietes.

A acumulação de recursos, um dos problemas mais difíceis da construção da indústria pesada, foi no essencial resolvida. Lançou-se os alicerces para a construção de uma indústria pesada, com capacidade para reequipar toda a economia nacional.

Foi aprovado o primeiro plano quinquenal de edificação do socialismo e instalado um enorme estaleiro de construção de novas fábricas, *sovkhoses* e *kolkhoses*.

Este avanço na via do socialismo fez-se acompanhar pela agudização da luta de classes dentro do país e a agudização da luta interna no partido. Os resultados mais importantes desta luta foram: a neutralização da resistência dos kulaques, o desmascaramento do bloco capitulacionista trotskista-zinovievista como um bloco anti-soviético, o desmascaramento dos capitulacionistas de direita como agentes dos kulaques, a expulsão dos trotskistas do partido, a consideração de que as concepções trotskistas e dos oportunistas de direita eram incompatíveis com a permanência no PCU(b).

Derrotados ideologicamente pelo partido bolchevique, privados de qualquer base de apoio na classe operária, os trotskistas converteram-se de corrente política numa clique de carreiristas, de impostores políticos, num bando de dúplices políticos.

Lançando os alicerces da indústria pesada, o partido mobilizou a classe operária e os camponeses para a execução do primeiro plano quinquenal de reestruturação socialista da URSS. A emulação socialista de milhões de trabalhadores estendeu-se a todo o país, nasceu um poderoso entusiasmo no trabalho e formou-se uma nova disciplina do trabalho.

Este período termina com o ano da grande viragem, marcado por enormes êxitos do socialismo na indústria, pelos primeiros êxitos importantes na agricultura, pela orientação dos camponeses médios para os *kolkhoses* e pelo início do movimento kolkhoziano de massas.